E DEUS(A) OUVIU O CHORO DO NENÊ...

Uma releitura de Gênesis 21,1-21

Maria Soave Buscemi

1. Memória e recordação

Paro para lembrar. Quero recordar as coisas e as pessoas do passado que ajudem a reavivar a esperança de pobres, mulheres e crianças. Como escolher os acontecimentos a serem lembrados? Qual é a mágica que faz a gente recordar? Por que as estantes das grandes bibliotecas estão cheias de livros que exaltam a memória dos grandes, dos vencedores, dos heróis poderosos, brancos, masculinos, elitistas e militares? Nos encontros de releitura bíblica, muitos homens e mulheres com as mãos calejadas me dizem: "Soave, a memória não acompanha a gente, somos fracos de memória..."

Os empobrecidos... também empobrecidos da memória. A faculdade e o direito de lembrar parecem ser só de quem tem poder. Onde está a memória dos fracos, dos empobrecidos, das crianças, dos idosos, das mulheres?

Paro para lembrar. É esta memória que quero encontrar. Recordar me parece ter muito a ver com desejo. Conseguimos fazer memória quando o sonho vive dentro de nós. Só quem sonha e deseja consegue lembrar e o sonho se alimenta de lembrança. A memória é erótica como erótica é a alma. Desejo e memória vivem entrelaçados num amor feito bem devagar, tão devagar como o tempo da nossa vida terna e e-terna. Recordar... fazer voltar ao coração. Os nossos antigos pais e mães acharam e nos ensinaram que o lugar da memória é o coração.

Hoje sabemos que o infinito espaço da memória está colocado nos imensos caminhos do cérebro. Recordar não é um processo do coração, mas da mente. Definição fria para quem, como eu, vive e mergulha na poesia. Procuro os sentidos dos termos memória e recordação. Procuro as raízes antigas destas duas palavras.

Memória vem de mente. A raiz recente desta palavra vem do latim *"mentem"*, do grego *"metis"*, do sânscrito *"matis"*. Significa, invariavelmente, pensar, conhecer, entender, medir.

A raiz mais antiga da palavra mente é a palavra indo-européia *"manas"*, *"mana"* ou *"men"*, isto é, espírito. Esta raiz é um atributo de *ma*, a mãe suprema geradora de idéias e formas. Raiz também relacionada à palavra latina *"mens"* que significa tanto mente e lua, quanto uma misteriosa qualidade do poder espiritual: *"nu – men"*.

A palavra grega *"menos"* significa tanto lua quanto poder. *"Men"*, que significa mês em grego, é a raiz das palavras medida e menstruação. A palavra memória, do

latim *"memorem"*, vem da raiz indo-européia *"smar"*, *"mar"*. O termo sânscrito *"smrtis"* significa memória, mas também recordação (*smar-arram*) e desejo.

Paro para lembrar. Quero ouvir a memória silenciosa de mulheres, crianças e empobrecidos... Memória tem a ver com desejo. Memória é sonho e utopia, compromisso e caminhada. Onde o nosso pé pisa, o nosso coração ama, a nossa cabeça pensa, a nossa memória lembra... E o nosso corpo deseja. A nossa opção, o nosso ponto de partida hermenêutico, faz surgir perguntas para o passado contado ou escrito.

A nossa opção, o nosso ponto de partida hermenêutico, faz nascer o desejo que desperta a memória do chão onde a gente pisa.

Sou mulher, pobre contadora de estórias da vida e da Bíblia. Quero, na partilha da vida e da Bíblia, entre pobres, mulheres e crianças, resgatar a vida e a vida em abundância.

2. Memória: um desejo entre a mente, o útero e o coração

Nasci numa família muito pobre. O meu avô morreu novo, de febre amarela, voltando da guerra de colonização da África que o ditador Mussolini tinha declarado para fazer também da Itália um grande império. O avô foi para a guerra como voluntário. Pegou um navio só com as roupas do corpo e uma marmita de macarrão com feijão. Naquele dia, e nos 60 anos seguintes, a minha avó vestiu-se de luto. Totalmente envolvida em tecidos pretos, cinco filhos pequenos e um na barriga. Quatro árvores de oliveiras num pedacinho de terra duro de trabalhar. Uma casa branca de duas peças sem água e sem esgoto. Terra e casa adquiridas com os 3.000 contos pagos pelo sacrifício da vida de um homem morto voluntário na guerra.

Os filhos cresceram naquela terra seca queimados pelo sol. O nenê morreu ainda na barriga da minha avó. O pequeno morreu com três aninhos por causa de uma meningite fulminante. Os outros quatro filhos, dois meninos e duas meninas, se criaram trabalhando nas terras dos grandes proprietários, na colheita da uva, das azeitonas e do fumo. Viveram entre febres tifóides e fome matada com um pedaço de pão duro molhado na água, uma cebola, um tomate ou um punhado de azeitonas pegas às escondidas, entre aquelas caídas no chão das árvores de oliveiras do patrão.

"Terroni", assim são, ainda hoje, chamados os povos do sul da Itália, *"comedores de terra"*. Tão pobres, tão lascados... comedores de terra...

A minha mãe cresceu trabalhando por dia nas terras dos grandes proprietários. Sonhava uma vida melhor, sem exploração. Como sempre aconteceu na história da humanidade, emigrou para outro país em busca de melhores condições de vida. Trabalhou nas fábricas, 12 horas por dia, todos os dias da semana, fazendo turnos de trabalho dia e noite, nos países desenvolvidos do norte da Europa. Mulher das terras quentes do Mediterrâneo aprendeu a sobreviver nas neves da Suíça.

Voltou para os mares quentes do sul da Itália para me parir. Os seios fartos de leite, mas teve que me desmamar aos 30 dias de vida para voltar a trabalhar numa

fábrica do norte. A mãe ficou com os seios cheios de leite e uma dor que, desde os seios, chegara a cortar até a alma. Eu fiquei chorando perdida nos braços da avó.

Uma mulher obrigada a tirar do peito a própria criança para não ser mandada embora do emprego. Uma mulher obrigada a tirar do peito a criança como muitas mulheres das regiões do nosso Brasil e do mundo.

"E Abraão deu uma festa no dia em que Isaac foi desmamado..." (Gn 21,8b).

3. Costurando colchas

A Bíblia é como uma grande colcha de retalhos. Dona Cida decidiu fazer uma colcha de retalhos para o seu filho João, de quatro aninhos. Cida gosta de costurar para a sua família. Não é uma fina costureira, mas dá para o gasto. Já espalhou para as suas vizinhas o desejo de fazer uma colcha e as comadres começaram a trazer pedaços de tecidos, sobras das costuras das mulheres que Cida guardou com carinho numa grande sacola. Na casa da Cida, como em nossas casas, têm algumas roupas que não servem mais por causa de rasgos que não dá mais para costurar, velhas demais para ser passadas em frente... Uma velha calça do Zé, esposo da Cida, uma roupinha de quando o João era bem pequenino, um vestido de algodão azul de quando a Cida namorava com o Zé... Cida corta os pedaços aproveitáveis destas roupas e os guarda dentro da sacola da colcha.

Com o passar do tempo a sacola está cheia e Cida pega agulha, tesoura e fio para começar a costurar. Não se lembra mais qual foi o primeiro pedaço de tecido que ganhou das suas vizinhas. Mas não tem importância nenhuma em costurar os pedacinhos segundo a ordem com que foram cortados e guardados. O que Cida deseja é fazer uma colcha bonita e colorida para o seu Joãozinho. Ela pega todos os pedaços de tecidos e os espalha em cima da cama. Cida começa a costurar juntando as cores segundo o seu gosto. Uma colcha colorida que possa falar do amor que ela tem para o seu filho. Em poucos dias a colcha está pronta e Cida a arruma na cama do João. O rosto da criança se enche de alegria voltando para casa depois de ter brincado na rua. Naquela noite, antes de dormir, Cida e Zé sentam na cama do filho. Muitas são as perguntas e as descobertas do pequeno João:

– "Olha, pai, aqui está a tua calça, aquela de todos os dias de trabalho..."

– "Meu filho, com esta calça eu fiquei em frente à fábrica nos dias de greve por um salário mais digno..."

– "E este pedacinho, de onde vem, mãe?"

– "É do vestido da mãe do tempo em que conheceu o pai. E este aqui é de quando você era bem pequeno. Um lindo nenê desde sempre sonhado no coração do pai e da mãe!"

Uma colcha de retalhos, fruto das relações de vizinhança, das lutas, do amor... Costurada para contar estas histórias de relações.

De muitos pedaços da colcha não sabemos a origem. Alguns pedaços são frutos da exploração de quem trabalha costurando a vida inteira no fundo da casa, ganhando

BIBLIOTECA
Frei Capuchinhos

uma miséria. E a colcha acaba "falando" de opressores e oprimidos, de relações violentas e laços de ternura.

A Bíblia é como uma grande colcha de retalhos. Cada texto, muitas vezes, é uma colcha de retalhos. Muitas histórias, muitas lutas, muitas alegrias e sofrimentos. Histórias conhecidas e histórias escondidas. Trabalho em mutirão. Quando relemos a Bíblia em grupos deitamos nesta grande colcha e, com os nossos corpos de homens, mulheres, crianças, velhos empobrecidos, jovens, indígenas, negros, doentes... tocamos os tecidos até que falem e nos contem histórias. "Limpamos" estas histórias até encontrar a voz dos fracos e oprimidos, a voz da resistência e da esperança. A voz da presença da divindade. E a vida volta a ser viva.

4. Descosturando colchas

Deitamos na colcha de retalhos que é o texto de Gn 21,8-21. Os nossos corpos de mulheres, pobres e crianças no embalo dos pequenos pedaços de tecidos, quentes, coloridos e na rede de fios que a costura produz. Passamos os nossos dedos cheios de memória e de desejo, de feridas e esperanças nas costuras da colcha.

As costuras nos trazem o cheiro de uma cultura fortemente androcêntrica. Um cheiro comum a todas as costuras do livro de Gênesis. Provavelmente os títulos dados no livro "céu-terra" (Gn 2,49), Taré (Gn 11,27), Isaac (Gn 25,19) e Jacó (Gn 37,2) pertencem a um mundo religioso androcêntrico. Quem costurou a colcha, quem fez a biblioteca, quem editou o livro foram os escribas e sacerdotes no projeto de reconstrução do segundo templo (Esdras e Neemias), em época pós-exílica.

É muito difícil encontrar a fala dos pequenos e das mulheres nestas costuras. São costuras impregnadas do cheiro de uma teologia funcional ao palácio e ao templo. A teologia do puro e do impuro que massacrava o corpo dos pobres enriquecendo os celeiros do Sumo Sacerdote. Uma teologia da retribuição construída para que o medo tivesse eterna morada nos rostos de homens, mulheres e crianças. Precisamos reconhecer as costuras dos textos do livro de Gênesis, mergulhar no enredo de palavras para encontrar a fala de mulheres, crianças e pobres, a fala divina, que nos alimenta na fé e na esperança.

Parecem-me existir dois grandes blocos neste texto. Duas visões de mundo, dois tipos de memórias e de desejos. Duas falas de Deus. Dois projetos para o mundo.

5. ...existem tecidos que nos falam de amargura...

Provavelmente podemos dividir o texto entre Gn 21,1-13 (obra da redação fortemente androcêntrica) e Gn 21,14-21. Tocamos o tecido de Gn 21,1-13. Esta primeira parte parece ser a obra do redator. Aqui o texto não tem um lugar geográfico e cultural específico. É uma obra de intelectuais que olham de cima.

Estamos na terra de Judá, provavelmente antes de 587. Com a invasão e a total destruição da cidade de Jerusalém e do templo por obra do exército da Babilônia, os ismaelitas começam a ser considerados inimigos. Este texto (v. 13) diz que Deus faz

dos ismaelitas uma grande descendência, tem então uma visão positiva da família dos ismaelitas que são também os edomitas. Podemos pensar em datar este texto antes de 587 porque, depois da segunda deportação para Babilônia, quem ajudou os babilônios a atear fogo em Jerusalém foram os edomitas, isto é, os ismaelitas que, a partir daqueles dias, viraram inimigos mortais de Judá (confira Abdias).

Numa primeira leitura, um tanto superficial, podemos cair na armadilha de pensar que, nesta primeira parte, se encontre uma palavra de mulheres na pessoa de Sara (Gn 21,6-7). A armadilha de pensar que o texto contém o conflito de duas mulheres: uma patroa rica e ciumenta e uma escrava negra.

Sou mulher, instintivamente desconfiada quando tento descosturar colchas costuradas nos templos e palácios dos reis. Sou mulher, instintivamente desconfiada quando toco os pedaços de tecidos tentando ouvir a voz abafada e escondida de empobrecidos, mulheres e crianças.

Temos alguns cheiros, alguns indícios, para hipotizar que, na fala de Sara, esteja a fala desesperada de mulheres. Sara se preocupa com a herança, com a terra (v. 10). Preocupação esta muito própria dos homens da terra. No pedido de expulsão que Sara faz parece haver uma visão dos homens colocada à força, para poder sobreviver, na boca de mulheres. Nestes versículos Sara não fala como mulher, mas segundo as categorias e os pensamentos de quem deve se preocupar com a herança para ser reconhecida numa sociedade. Este texto de v. 1-13 surge de um mundo de profunda exclusão.

> *"O menino cresceu e foi desmamado. E no dia em que Isaac foi desmamado Abraão deu uma grande festa"* (v. 8).

É ainda hoje muito comum, entre as mulheres dos meios populares, pensar que a possibilidade de engravidar esteja ligada com a amamentação. Por muito tempo as mulheres pensaram que, até que estivessem amamentando uma criança, não poderiam ficar grávidas novamente. Amamentar significa proteger uma criança de muitas doenças. Amamentar significa permitir-lhe as primeiras fases do conhecimento da realidade, que acontecem através da sucção. Amamentar é dar tempo, é criar relação, é sonhar e ajudar a construir a pessoa. Amamentar hoje é um jeito de a mulher ser menos propensa ao câncer de mama. Desmamar é um ato violento para todos os mamíferos. Na desmama a vida não é mais assegurada, protegida. Não foi Isaac, com os seus versos incompreensíveis e as suas primeiras gargalhadas, que fez festa para o fim da amamentação.

Não foi Sara que se alegrou com a desmama, por ter tirado o seu filho do peito. Foi Abraão que, no dia em que Isaac foi desmamado, deu uma grande festa.

Para o mundo androcêntrico dos homens guerreiros é mais interessante uma criança desmamada. Sem o peito da mãe, o lugar do conhecimento é a força, as armas e as guerras. Interesse do pai são os filhos aptos para as batalhas que vão poder honrar ao Deus dos exércitos, dos sacrifícios e da morte. Para o mundo androcêntrico dos homens guerreiros atrelados a todas as monarquias, cada vez mais violentas, desde as monarquias nacionais até as monarquias estrangeiras, é mais interessante uma criança desmamada. Sem o peito da mãe há espaço aberto para outra gravidez, outros filhos para a guerra...

Quem faz festa é Abraão e quem está sendo ameaçado no seu direito à vida são mulheres e crianças. São mulheres e crianças que são expulsas do mundo e da economia no tempo das monarquias. É um tempo, este das monarquias estrangeiras, de fortes tributos, muita fome e exploração. Mulheres são obrigadas a cozinhar os filhos de outras mulheres para não ver os próprios filhos morrerem de fome (2Rs 6,24-30).

Mulheres, num grupo chamado Sara, estão percebendo a vida dos próprios filhos ameaçada. São obrigadas, pelos homens no poder, a tirar os próprios filhos do peito e a pedir a expulsão de outras mulheres e crianças (v. 10).

É desta atitude desesperada de quem deixa os próprios nenês com poucos meses numa creche, na vizinha, na rua, no lixo... para não perder o trabalho, que surge uma teologia. É deste grito sufocado de mulheres que surge uma palavra sobre a divindade.

> *"Não fique aflito (Abraão) por causa do menino e da escrava. Atenda ao pedido de Sara, pois será através de Isaac que sua descendência levará o nome que você tem. Entretanto, também do filho da escrava eu farei uma grande nação, pois ele é descendência sua"* (v. 12-13).

Este texto, como o seu paralelo de Gn 22, é fortemente anti-sacrificial. Deus não quer a morte de mulheres e crianças. Deus não quer uma sociedade onde existam pessoas sobrando que têm que ser eliminadas. Deus não quer excluídos e desempregados. Deus não quer corpos sacrificados.

Mas Abraão não escuta Deus. Abraão não escuta Sara. Sara pediu para mandar embora Agar e Ismael. Deus pede a Abraão para atender o pedido de Sara. Abraão manda morrer no deserto a escrava negra e o menino.

O termo "escravo" significa "quem está sujeito a um senhor como propriedade dele" (Aurélio). O escravagismo, como venda e compra de pessoas, começou a ser implantado, na história de Israel, em época pós-exílica, sobretudo no domínio grego e romano. Nos períodos anteriores podemos falar de trabalho forçado, de corvéia.

Provavelmente Agar tinha trabalho, amparo, comida, era incluída na sociedade de Abraão. Agora se encontra "desempregada" andando pelo deserto de Bersabéia.

A sociedade monárquica, sobretudo a sociedade das monarquias estrangeiras, é uma sociedade fortemente excludente. Mulheres e crianças são sobras... devem ser sacrificadas para a sociedade excludente se manter.

Esta é hoje a "teologia" do desemprego, da exclusão, do sacrifício a serviço do deus dinheiro e do sistema neoliberal... E mulheres cozinhando os próprios filhos ou os filhos de outras mulheres para não ver a maioria dos filhos morrerem de fome.

> *"Abraão levantou-se de manhã, pegou pão e um cantil de água e os deu a Agar; colocou a criança sobre os ombros dela e depois a mandou embora"* (v. 14).

Quanta firmeza nas ações de Abraão! Podemos até imaginar o corpo de Agar e Ismael, juntos, indo embora... O deserto... "quem é do mar não enjoa..." e quem é do

deserto sabe quanta água precisa levar para chegar ao primeiro oásis... Mas a água faltou antes. Sara pediu para mandar embora Agar e Ismael. Deus pede a Abraão para atender o pedido de Sara. Abraão manda morrer no deserto a escrava negra e o menino.

Deus, os meninos, as mulheres, na defesa desesperada da vida, e do outro lado Abraão, tão firme, obediente, moralista... tão impregnado da "teologia do poder" que justifica a exclusão e o sacrifício. Abraão não ouviu, por trás das palavras, a voz de Deus, das mulheres e das crianças...

6. ... e existem tecidos que reanimam sonhos...

Os versículos de 14 a 21 nos trazem cheiros e sons de muito longe, cheiros e sons que fazem os nossos rostos voltarem a sorrir e esperar.

Nesta segunda parte do texto o mundo não é genérico como na primeira parte. O texto mergulha num chão geográfico bem específico. Bersabéia, o deserto. O texto mergulha num chão antrópico, de presença da humanidade na geografia, muito próprio. É o mundo do deserto, do poço, lugar de relações de pequenas famílias ao redor do poço. História vivida e contada de mulheres para crianças ao redor de um poço, lugar quotidiano, "ordinário", de defesa da vida na busca da água. É esta segunda parte, de chão, deserto, de relações próximas entre mulheres e crianças, bem diferente do olhar de cima, distante, de quem relatou a primeira parte.

Provavelmente aqui encontramos uma antiga história de tempo tribal, resgatada em tempo exílico e pós-exílico, uma história de vida ameaçada de crianças e mulheres, contada por mulheres negras ao redor de um poço. Estórias criadas dos mitos, explicando para as crianças o nascimento de Ismael, criança negra, amada e protegida pela divindade.

As crianças perguntam o porquê das cores e dos rostos diferentes na humanidade. As crianças têm medo dos perigos, da escuridão e da solidão. Desde sempre, em todas as culturas e povos, estórias são contadas, tiradas da história popular, para fazer os filhos crescerem amados, desejados, confiantes, protegidos... Filhos crescem só se sonhados...

É o "mundo pequeno" de mulheres e crianças ao redor da tarefa quotidiana de buscar água num poço, que transparece nesta segunda parte do texto.

Um "mundo pequeno" e includente. Um mundo onde mulheres se preocupam com crianças. Um mundo de mulheres conspiradoras, que respiram o mesmo respiro das crianças. Um mundo onde as lágrimas das mães são as lágrimas dos filhos.

Neste conto desapareceu o cheiro de monarquia, de desemprego, de exclusão, de violência... Toma conta do ar e dos nossos corpos o cheiro do tribalismo, de relações recriadas na partilha, na inclusão de homens, mulheres e crianças. Abraços de sexos, idades e etnias... Do deserto, lugar do perigo, vem o resgate da vida de mulheres e crianças expulsadas pelo poder de homens totalmente atrelados às monarquias.

Deserto... Tribalismo... pequenas comunidades familiares... pequenos grupos humanos... relações quotidianas solidárias... O sonho e o desejo alimentam a coragem de se levantar e voltar a viver o antigo projeto de Deus. A memória de tempos passados na partilha e na inclusão faz surgir o desejo e o sonho de um mundo novamente tribal. Um "mundo de irmãos e irmãs", mundo da Aliança e de um tribalismo renovado.

Durante o exílio da Babilônia, em diferentes deportações, um grupo de altos funcionários, um grupo de mão-de-obra especializada e um grupo de serviçais foram levados para Babilônia pelo exército de Nabucodonosor.

Uma grande parte do povo ficou na terra de Judá. Tinha gente internacionalista entre eles, gente a favor das monarquias assírio-babilônicas. Tinha um grupo bem nacionalista, chamado "povo da terra". E existiam em Judá, durante o exílio da Babilônia, os assim chamados "pobres da terra". Esta gente se encontrou numa terra totalmente destruída, sem cidade, sem templo, sem proprietários das terras.

Tudo destruído e tudo para ser re-criado... Memória e desejo... Provavelmente o desejo de re-construir o mundo e relações depois de tanta violência fez surgir em Judá a memória. Homens, mulheres e crianças, contando histórias de libertação dos antigos pais e mães da fé, resgataram antigos projetos de famílias reunidas, patriarcais sim, mas de relações includentes, economia partilhada (Ex 16,1-33), poder repartido (Ex 18,13-27), defesa da vida dos pequenos (Ex 20,1-17)...

Judá, com os pobres da terra no tempo do exílio, teve um período de re-tribalização, de convivência com os povos diferentes e de outras raças. E a experiência do divino voltou a ter o cheiro da ternura, as muitas cores da inclusão e os rostos de quem defende a vida de crianças, pobres e mulheres... A armadura de ferro do Deus dos exércitos, das guerras e da violência foi deixada por um bom tempo na poeira do esquecimento...

7. E Deus(a) ouviu o choro do nenê

Ensinaram-me por muito tempo que a palavra para definir a divindade era Deus. Muitos eram os adjetivos: todo-poderoso, criador, Pai... É claro, me disseram que esta divindade que tem nome, Deus, não tem sexo, raça e idade... mas nunca ouvi falar ou representar Deus como uma menina negra brincando de se esconder... Era, em nosso imaginário, um velho sério de barba branca, olhos azuis e pele clara.

Ensinaram-me o temor de Deus. Deus dos exércitos, vingativo, ciumento...

Hoje não tenho palavras claras para definir a divindade... É como um abraço de amor, com cheiros, sons, cores, sabores... Fazendo amor com a divindade vamos parindo a divindade...

Experiência do divino tem a ver com vida. Hoje, num longo e, às vezes, doído processo de des-construção e conversão, empresto palavras pobres e estreitas para "gaguejar" o cheiro do divino. Tentamos des-construir palavras sexistas, violentas, racistas que excluem muitas pessoas da experiência da divindade.

Percebo que, na história dos povos do Oriente Médio, o jeito de falar da divindade foi ficando cada vez mais violento e masculinizado quanto mais aumentaram as guerras e os trabalhos da laminação do ferro. A descoberta do ferro, o seu uso nas guerras e na agricultura, expulsou mulheres, crianças e idosos da produção e da participação na sociedade (do ano 1000 aC em diante). Isto provocou uma masculinização do poder. Masculinos, militares e ricos foram os "fazedores de história" oficiais da época do ferro em diante... Até os nossos dias...

Poderosos... militares... fortes... masculinos... Foram dando nomes para a divindade. Do mundo dos homens "machos", das monarquias, das fronteiras das guerras e da fome, da exclusão, surgiram palavras para dizer... Deus todo-poderoso, Senhor dos exércitos.

> *"Pois quando paramos de queimar incenso para a rainha do céu e de derramar vinho em sua honra, começou a faltar tudo, e nós morremos pela espada e pela fome"* (Jr 44,18).

Parece que a entrada do ferro e da espada neste pedaço de terra e de humanidade está ligada com a morte, a guerra e a fome. Parece também que a entrada do ferro está ligada com uma total masculinização do divino. Deus, fome, morte, espada. Que Deus? O Deus totalmente masculinizado e violento criado pelos "teólogos" apologetas dos reis, dos palácios e do templo!

> *"Quando a água do odre se esgotou, ela (Agar) atirou a criança debaixo de um dos arbustos. Depois foi sentar-se num canto, à distância de um tiro de flecha. Dizia, com efeito: 'Que eu não assista à morte da criança!' Sentada à parte levantou a voz e chorou"* (Gn 21,15-16).

Agar tinha caminhado pelo deserto com a criança sobre o ombro. Corpo de filho grudado no corpo da mãe. Sara tinha vivido até então com a criança grudada no seio. Corpo de mãe unido ao corpo do filho.

Abraão deu uma festa no dia em que Isaac foi desmamado. Abraão festejou no dia em que o corpo de Isaac foi separado do corpo de Sara. Abraão mandou embora Agar e Ismael no deserto com água insuficiente. Pouca água que obrigou Agar a separar do seu corpo o filho Ismael. Ela atirou a criança debaixo de um dos arbustos e foi sentar-se num canto à distância de um tiro de flecha.

O mesmo destino de separação, de exclusão, de sacrifício para as duas mulheres e as duas crianças. Abraão quer ver os corpos das mães separados dos corpos dos filhos. Abraão é o poder (*divide et impera* = divida, separe, e mande para sempre!). Corpos separados são corpos fragilizados, sujeitos aos mandos e desmandos dos poderosos. Abraão quer separar os corpos dos pequenos e dos pobres. "Sentada à parte (Agar), levantou a voz e chorou. Deus ouviu a voz do menino" (v. 17).

Uma mãe chora e Deus ouve a voz da criança. Corpo de mulher de novo junto ao corpo do filho. Deus não aprova o poder que separa mães dos filhos. A divindade tem ouvido terno e materno, escuta o choro do nenê ainda antes de chorar... A divindade conhece os corpos de crianças e mulheres. A experiência do divino se faz ao redor de poços, olho d'água, mãe, pai, ternura, relações recriadas, estórias para fazer o medo

ir embora, união de corpos, laços de solidariedade, rede de pequenas comunidades sem oprimidos e excluídos..., o antigo sonho, desejo das tribos, a antiga memória das tribos... Do deserto vem um pequeno olho d'água, uma pequena esperança... o cheiro de Deus(a) que escuta o choro de empobrecidos, crianças, mulheres (Ex 3,7-8); é Êxodo, é libertação! O fim do desemprego, do subemprego e da escravidão.

"Teologia é um jeito de falar sobre o corpo.
O corpo dos sacrificados.
São os corpos que pronunciam o nome sagrado: DEUS...
A teologia é um poema do corpo,
O corpo orando,
O corpo dizendo as suas esperanças,
Falando sobre o seu medo de morrer,
Sua ânsia de imortalidade,
Apontando para utopias.
Espadas transformadas em arados,
Lanças fundidas em podadeiras...
Por meio desta fala
Os corpos se dão as mãos,
Se fundem num abraço de amor,
E se sustentam para resistir e para caminhar."

Rubem Alves

Bibliografia

ALVES, Rubem. *Variações sobre a vida e a morte*, São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

CAMINHADA – Jornal da Diocese de Lages, n. 6, 1997.

CEM-MONDIALITÀ – Revista de Educação Intercultural "Il ricordo: Perdersi ancora", ano XXVIII, n. 5, 1997, Brescia.

OWEN, Lara. *Seu sangue é ouro*, São Paulo: Ed. Rosa dos Tempos, 1994.

SCHWANTES, Milton. *História de Israel*, São Paulo: CEDI, 1993 (Mosaico da Bíblia, 7).

SCHWANTES, Milton. "'Não estendas tua mão contra o menino' – Observações sobre Gênesis 21 e 22", In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 10, 1991, 2ª ed., 1993, Petrópolis: Editora Vozes, 1993, p. 24-39.

SCHWANTES, Milton. "'Estas são as genealogias de Terá'– Introdução a Gênesis 12-25", In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 23, 1996, Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

VV.AA. *La Bibbia delle donne*, v. 1, Torino: Ed. Claudiana, 1996.

VV.AA. *Letture bibliche al femminile*, Torino: Ed. Claudiana, 1994.

Maria Soave Buscemi
Caixa postal 20
88502-970 Lages – SC